

Rabiscos em **Vermelho** e Preto

BERNARDO
BORGES
MARQUES
2026

SISTEMA TÁTICO E PRINCÍPIOS DO MODELO DE JOGO:
O QUE DEFINE MAIS UMA EQUIPE DE FUTEBOL?



Rabiscos em Vermelho e Preto:

SISTEMA TÁTICO E PRINCÍPIOS DO MODELO DE JOGO: O QUE DEFINE MAIS UMA EQUIPE DE FUTEBOL?

Bernardo Borges Marques

O que é “Rabiscos em Vermelho e Preto”?

Uma coletânea de ideias, análises e reflexões rubro-negras

Este espaço nasce com o intuito da escrita, reflexão e construção crítica sobre os mais diversos temas que cercam o futebol e a vida institucional do Clube de Regatas do Flamengo. Batizada de **Rabiscos em Vermelho e Preto**, ela será o ponto de encontro de vozes, ideias e olhares: pensamentos livres, análises profundas, artigos de opinião, dados, argumentos e propostas. Cada texto será mais que um simples registro: será uma contribuição ao debate sobre o presente e o futuro do clube que tanto amamos — com paixão, responsabilidade e compromisso democrático.

Um caderno de anotações em constante evolução. Um espaço onde o vermelho da paixão e o preto da firmeza se encontram para transformar rascunhos em caminhos.

Seja bem-vindo. Escreva, leia, questione. O Flamengo é de todos nós.



Rabiscos em Vermelho e Preto:

SISTEMA TÁTICO E PRINCÍPIOS DO MODELO DE JOGO: O QUE DEFINE MAIS UMA EQUIPE DE FUTEBOL?

Bernardo Borges Marques

Quem sou eu?

Sou médico formado em Cardiologia Clínica e Intervencionista desde 2014, com experiência também em Terapia Intensiva. Em 2024, ampliei minha atuação para a gestão esportiva, conquistando o Certificado de Executivo de Futebol pela Footure Academy. Atualmente estou cursando o curso de Gestão de Futebol pelo FC Porto Football Science Institute. Associado do Clube de Regatas do Flamengo desde 2015, participo ativamente da vida política e institucional do clube, sendo membro fundador do grupo Flamengo Sem Fronteiras em 2019 e, mais recentemente, coordenador do Programa de Futebol e Saúde da Chapa 2 nas eleições de 2024. Minha trajetória une medicina, gestão e paixão pelo futebol, com foco em inovação, governança e integração entre saúde e desempenho esportivo.

- . Certificado em Executivo de Futebol: Footure Academy - 2024
- . Curso de Gestão em Futebol: FC Porto Football Science Institute - 2025 (em curso)



Disclaimer

O presente documento não tem nenhuma ligação com o Departamento de Futebol do Clube de Regatas do Flamengo, bem como o autor não faz parte do mesmo e da direção atual. O intuito é mostrar ao torcedor uma opinião de gestão esportiva, sem nenhuma intenção de substituir, criticar ou confrontar com o trabalho feito pelo clube, detentor de inúmeros títulos no ano de 2025, na base e no profissional.

Este trabalho é baseado em análises com documentos abstraídos na internet, em sites especializados em futebol, medicina esportiva e dados estatísticos e analíticos.



1 INTRODUÇÃO

A discussão sobre o que define uma equipe de futebol — o sistema tático ou os princípios do modelo de jogo — tornou-se central no futebol contemporâneo, especialmente diante da evolução dos métodos de treino, da análise de desempenho e do aumento do repertório estratégico das comissões técnicas. Embora o sistema tático seja frequentemente apresentado como elemento estruturante do jogo, observa-se que equipes com o mesmo desenho posicional podem apresentar comportamentos radicalmente distintos em fases ofensivas, defensivas e transições. Assim, o entendimento de “como uma equipe joga” tem se deslocado do campo da estrutura (sistema) para o campo da funcionalidade (princípios). O desenvolvimento da ciência do treino, da análise tática e da pedagogia do jogo tem indicado que equipes com o mesmo sistema podem apresentar comportamentos completamente distintos, sobretudo quando se observam as quatro fases do jogo e seus sub-momentos.

Nesse contexto, autores ligados à pedagogia do jogo e ao treino em futebol, como Júlio Garganta (1997), e ao desenvolvimento do conceito de Periodização Tática, como Vítor Frade (2002), sustentam que o jogo não pode ser reduzido à forma estrutural, mas deve ser compreendido como um sistema complexo de relações dinâmicas. De modo convergente, treinadores como José Mourinho, ao se apropriarem da lógica da Periodização Tática, contribuíram para popularizar a noção de identidade de jogo como resultado de princípios treinados, mais do que da simples escolha de um sistema. Abordagens como a do modelo sistêmico-estrutural do treino, presente em Paco Seirul-lo (2005), reforçam a noção de que a organização do jogo emerge da interação entre dimensões, sendo o comportamento tático o elemento integrador.

O presente texto discute, de forma analítica, a diferença conceitual e prática entre sistema tático e princípios do modelo de jogo, argumentando que, no futebol moderno, os princípios definem mais profundamente uma equipe, enquanto o sistema atua como suporte estrutural e ferramenta contextual.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O sistema tático como estrutura de organização espacial

O sistema tático pode ser entendido como a forma base de organização espacial e setorial de uma equipe. Trata-se do desenho inicial que orienta a ocupação do campo, a distribuição de jogadores por setores e a formação de linhas (por exemplo, 4-3-3, 4-4-2, 3-5-2). Em termos operacionais, o sistema fornece referências de posicionamento e, em certos contextos, facilita a organização coletiva mínima, mecanismos de encaixe defensivo, coberturas e balanços.



Para **Jorge Castelo** (1996), a organização tática envolve uma dimensão estrutural importante, na qual o posicionamento coletivo contribui para a estabilidade do jogo, especialmente em momentos de reorganização.

Entretanto, para o Professor Júlio Garganta (1997), a análise contemporânea e a evolução do futebol evidenciam que o sistema é insuficiente para explicar o comportamento real das equipes e, isoladamente, descreve mais a “forma” do que a “função”. Isso ocorre porque o jogo é uma realidade dinâmica e contextual, e o sistema inicial tende a ser apenas um ponto de partida, já que o posicionamento nominal frequentemente se transforma ao longo das fases. Em jogos de alto

rendimento, as equipes alternam estruturas conforme o momento (ataque posicional, defesa organizada, transições e bolas paradas): por exemplo, uma equipe pode iniciar em 4-2-3-1, atacar em 3-2-5 e defender em 4-4-2, sem que isso implique mudança essencial de identidade, mas sim adaptação funcional. Essa perspectiva é coerente com a compreensão do futebol como sistema complexo, no qual a organização emerge das interações e não apenas da disposição estática dos jogadores.

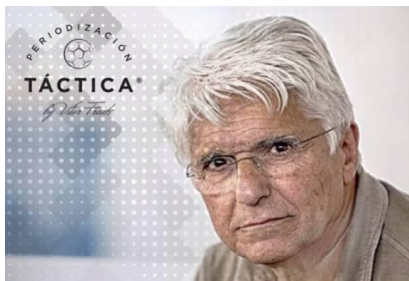


Essa constatação reforça que o sistema, apesar de necessário para organizar o espaço, não explica nem determina, por si só, como o time constrói superioridades, cria vantagens, controla o ritmo ou reage aos eventos críticos, como perda da bola e transições, ou pressiona o adversário.

2.2 Princípios do modelo de jogo como identidade operacional

Os princípios do modelo de jogo são as regras comportamentais que orientam a equipe em todas as fases do jogo: organização ofensiva, organização defensiva, transição ofensiva e transição defensiva. Diferentemente do sistema, que descreve “onde” os jogadores estão, os princípios descrevem “o que” a equipe faz, “como” faz e “porque” faz. Eles definem padrões de ação e decisão: como progredir, como criar superioridade, como proteger zonas críticas, como reagir à perda, como pressionar e como reorganizar.

A literatura ligada à Periodização Tática compreende o modelo de jogo como um conjunto coerente de princípios, subprincípios e padrões, treinados de forma sistemática para que se tornem hábitos funcionais e coletivos.



Vítor Frade (2002), criador do conceito, sustenta que a identidade de jogo é construída por meio da repetição contextual e intencional de comportamentos, em tarefas que reproduzem as exigências específicas do jogo. É o núcleo do processo de treino e que os princípios devem ser treinados de modo específico, contextual e repetitivo, para se tornarem hábitos funcionais. Nesse sentido, o modelo é uma matriz que organiza as ações coletivas, independentemente do sistema utilizado. A Periodização Tática organiza o treino a partir da “ideia de jogo”, integrando as dimensões física, técnica,

psicológica e estratégica sob primazia tática.



Júlio Garganta (1997) reforça que o futebol deve ser entendido como sistema complexo e que o essencial não está no desenho estático, mas nas regularidades do comportamento. Assim, a identidade emerge do modo como a equipe responde às situações do jogo, e não apenas da ocupação espacial.



Xavier Tamarit (2013), ao sistematizar a Periodização Tática para fins didáticos, reforça que o modelo de jogo é um “organizador” da complexidade do futebol, no qual os princípios funcionam como o núcleo do desempenho: eles tornam previsível internamente (para os próprios jogadores) um ambiente extremamente imprevisível (o jogo), favorecendo a coordenação coletiva. Assim, o treino deixa de ser apenas físico ou técnico e passa a ser prioritariamente tático, no sentido de que o comportamento coletivo é o elemento que integra as demais dimensões.

2.3 A contribuição de José Mourinho: modelo como referência e sistema como ferramenta

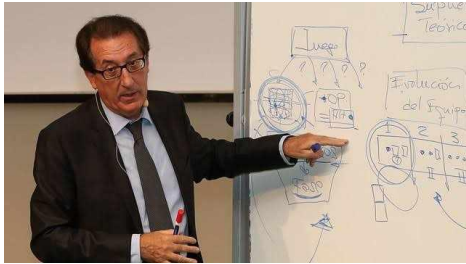


A obra e os relatos de José Mourinho frequentemente são utilizados como exemplo prático da aplicação dos fundamentos da Periodização Tática. O treinador é associado a uma concepção em que o modelo de jogo é o centro do processo, e o sistema é um recurso ajustável. O próprio Mourinho, em entrevistas e análises, enfatiza que o que



define sua equipe não é “o 4-3-3” ou “o 4-2-3-1”, mas sim a forma como a equipe se organiza para atacar, defender, pressionar e transitar. Essa visão reforça o argumento de que sistemas podem ser trocados sem que haja mudança profunda de identidade, desde que os princípios sejam preservados. Em outras palavras, o sistema é a “linguagem estrutural” e os princípios são a “mensagem funcional” do jogo.

2.4 Seirul-lo e a visão sistêmica do treino: o jogo como interação de estruturas



A contribuição de Paco Seirul-lo (2005) é relevante por reforçar que o desempenho no futebol não pode ser reduzido a componentes isolados. Seu modelo sistêmico considera o atleta e a equipe como estruturas em interação, nas quais as capacidades condicionais, coordenativas, cognitivas e socioafetivas se expressam de forma integrada. Essa perspectiva sustenta, em nível metodológico, que o treino deve produzir comportamentos coerentes com o jogo real. Assim, o que define uma equipe

não é a estrutura formal, mas a organização funcional que emerge da interação entre jogadores, espaço, bola, tempo e adversário. Isso aproxima Seirul-lo da ideia de primazia do modelo de jogo, ainda que por caminhos teóricos distintos de Vítor Frade.

2.5 Greco e a tomada de decisão: princípios como facilitadores cognitivos



Pablo Juan Greco (2006) contribui para o debate ao tratar da tomada de decisão e da inteligência tática em jogos esportivos coletivos. Ao enfatizar processos perceptivo-cognitivos, o autor reforça que o desempenho não é resultado apenas de “posições”, mas de decisões adequadas sob pressão temporal e espacial.

Dessa forma, princípios bem definidos reduzem a incerteza interna: o atleta passa a reconhecer padrões e gatilhos (“se a bola entra no corredor lateral, o comportamento X é acionado”), o que melhora a velocidade decisional e a coordenação coletiva. Logo, princípios não apenas organizam o coletivo; eles também qualificam a decisão individual.

2.6 Teoldo e os princípios táticos: operacionalização e avaliação do jogo



A produção científica de Israel Teoldo e colaboradores é particularmente relevante por propor modelos de avaliação tática baseados em princípios operacionais do jogo. Em suas pesquisas, os princípios são tratados como elementos observáveis e mensuráveis, permitindo que a análise do desempenho ultrapasse a descrição estrutural do sistema.

A partir dessa abordagem, compreende-se que o jogo pode ser analisado por indicadores táticos (por exemplo: penetração, cobertura, equilíbrio, concentração, mobilidade), reforçando que a identidade se manifesta em comportamentos recorrentes, não na forma inicial. Assim, o modelo de jogo pode ser observado, descrito e avaliado com rigor metodológico.



2.7 Carvalhal, metodologia e operacionalização do modelo



Carlos Carvalhal contribui para o campo ao sistematizar o treino em futebol a partir de uma visão metodológica aplicada. Sua abordagem enfatiza que o modelo de jogo deve ser operacionalizado em conteúdos de treino, com progressões coerentes e com tarefas representativas.

Esse ponto é crucial: se o modelo não é traduzido em treino, ele se torna apenas discurso. Assim, Carvalhal reforça a ideia de que os princípios são o elemento definidor, desde que transformados em prática de treino consistente.

2.8 Lobo e a análise do jogo: identidade como padrão observável



Para David Lobo-Triviño a literatura ligada à análise do jogo, em especial em abordagens didáticas e aplicadas, reforça que a identidade de uma equipe se manifesta na repetição de padrões: tipo de pressão, forma de progredir, zonas preferenciais, comportamento em transição, agressividade na recuperação, etc. Lobo, nesse campo, contribui para a noção de que o modelo de jogo pode ser descrito por regularidades observáveis, úteis tanto para treino quanto para scouting.

3 DISCUSSÃO: O QUE DEFINE MAIS UMA EQUIPE?

3.1 A limitação do sistema como explicação do desempenho

Na análise do desempenho, uma interpretação superficial tende a descrever o jogo a partir de sistemas: “o time jogou em 4-4-2” ou “o adversário se fechou em 5-4-1”. Embora essa leitura tenha utilidade descritiva inicial, ela se mostra limitada para explicar por que uma equipe consegue ou não controlar o jogo, criar superioridade e sustentar intensidade competitiva.

Equipes com o mesmo sistema podem apresentar diferenças profundas, por exemplo, no comportamento do bloco defensivo (alto, médio ou baixo), no tipo de pressão (orientada por bola, por homem ou por zona), na forma de progressão (construção curta, direta, jogo de apoios, ataques posicionais) e na reação à perda (contra-pressão ou recomposição). Tais elementos são expressões de princípios, não do sistema.

Professor Júlio Garganta sustenta que o jogo deve ser entendido por suas regularidades e invariantes funcionais, e não apenas por sua geometria. Isso implica reconhecer que a identidade de uma equipe está mais ligada à consistência dos padrões de ação do que à forma inicial.

3.1 A insuficiência do sistema como explicação do comportamento

A leitura centrada no sistema tende a ser descritiva, mas limitada. Ao afirmar que uma equipe “jogou em 4-3-3”, descreve-se um ponto de partida espacial, porém não se explicam os mecanismos de criação, controle e proteção.

Dois times podem atuar no mesmo sistema e diferem profundamente em:

- altura do bloco defensivo;
- tipo de marcação (zona, encaixes, híbrida);
- intensidade de contra-pressão;
- padrão de progressão (curta, direta, terceira linha);
- dinâmica de amplitude e profundidade;
- uso do corredor central ou lateral;
- agressividade nas transições.



Esses elementos pertencem ao campo dos princípios, e são eles que, na prática, tornam uma equipe reconhecível.

3.2 O papel dos princípios como organizadores do caos

O futebol é um jogo de imprevisibilidade relativa. Mesmo com plano tático, o comportamento do adversário, a variabilidade das ações técnicas, o contexto emocional e a aleatoriedade inerente aos eventos (rebotes, desvios, decisões arbitrais) tornam o jogo um ambiente de incerteza. Nesse cenário, os princípios funcionam como “organizadores do caos”: eles permitem que a equipe responda de modo coerente a situações distintas, mantendo unidade e consistência.

Vítor Frade defende que o treino deve produzir uma “ideia de jogo” que se manifesta em qualquer circunstância, não como rigidez, mas como coerência. Assim, o que define uma equipe não é apenas sua ocupação inicial, mas sua capacidade de reproduzir padrões intencionais ao longo do jogo, em diferentes contextos.

3.2 Princípios como invariantes funcionais e identidade competitiva

A identidade de uma equipe se consolida quando seus princípios são estáveis e reconhecíveis ao longo do tempo. Isso significa que, mesmo com mudanças estruturais (por exemplo, do 4-3-3 para o 3-4-3), os padrões se preservam: a equipe continua pressionando de determinada forma, continua progredindo por determinados mecanismos, continua atacando zonas específicas.

Esse argumento é coerente com a compreensão do futebol como sistema complexo (GARGANTA, 1997) e com a lógica de treino centrada no modelo (FRADE, 2002). O sistema pode variar como ferramenta; os princípios permanecem como essência.

3.3 Sistema como suporte estrutural: necessário, mas não suficiente

Embora os princípios definem mais profundamente a identidade, o sistema não deve ser tratado como irrelevante. Ele tem papel importante como suporte estrutural, sobretudo em situações em que o elenco possui características específicas (ex.: zagueiros lentos, pontas com baixa recomposição, ausência de volante de cobertura); o adversário impõe superioridade em determinados corredores; o contexto competitivo exige pragmatismo (mata-mata, jogos fora, gestão de vantagem) e quando há necessidade de proteção imediata de fragilidades.

Nesses casos, o sistema pode ser decisivo como correção estrutural. Contudo, mesmo nessas situações, o que sustentará o desempenho não será o desenho em si, mas a coerência dos princípios aplicados dentro desse desenho.

3.3 Sistema como ferramenta contextual: quando ele se torna decisivo

Embora os princípios definem mais profundamente a equipe, o sistema pode ser decisivo em contextos específicos. Em jogos de alto nível, mudanças estruturais podem proteger fragilidades do elenco; explorar superioridades pontuais; responder a encaixes adversários; ajustar coberturas e balanços e controlar zonas de finalização.

Entretanto, mesmo nesses casos, o desempenho depende de princípios. Uma mudança de sistema sem princípios treinados tende a produzir desorganização, perda de referências e baixa eficiência. Assim, o sistema é condição estrutural, mas não garante identidade nem desempenho.

4 IMPLICAÇÕES PRÁTICAS PARA TREINO E SCOUTING

4.1 Implicações para o treino: do “posicionamento” ao “comportamento”

No treino, a centralidade dos princípios implica que o processo não deve ser construído a partir de exercícios isolados e descontextualizados, mas de tarefas que reproduzam os problemas do jogo. Essa perspectiva é convergente com a Periodização Tática (FRADE, 2002; TAMARIT, 2013) e com abordagens sistêmicas do treino (SEIRUL-LO, 2005).

Na prática, isso significa que:

- treinar “saída de 3” não é um fim em si; é consequência de um princípio (ex.: atrair pressão para liberar o corredor lateral);



- treinar “pressão alta” não é correr mais; é coordenar gatilhos, coberturas e densidade de zona;
- treinar “ataque posicional” não é trocar passes; é criar superioridade, manipular o adversário e acessar zonas de finalização.

Além disso, princípios facilitam a aprendizagem porque reduzem a ambiguidade decisional. Conforme a literatura sobre decisão em jogos coletivos, quando o atleta compreende os critérios do modelo, ele executa mais rápido e com maior consistência (GRECO, 2006).

4.2 Implicações para o treino: avaliação por princípios e não por “sistemas”

A avaliação do treino deve estar conectada aos princípios, e não apenas ao sistema. Isso significa observar:

- se a equipe consegue progredir com estabilidade;
- se protege o centro e controla o espaço entrelinhas;
- se reage à perda com coordenação;
- se pressiona com densidade e cobertura;
- se consegue criar finalizações de alta probabilidade.

Modelos de análise tática baseados em princípios, como os discutidos na literatura de Teoldo, ajudam a operacionalizar essa avaliação, tornando o modelo mensurável e menos dependente de impressões subjetivas.

4.3 Implicações para scouting: perfil de atleta baseado em princípios do modelo

No scouting, a consequência mais relevante é que o recrutamento deve ser orientado pelo modelo de jogo, não pelo sistema.

Exemplo prático:

- Se o princípio é **pressão alta com cobertura agressiva**, não basta contratar um atacante “de 4-3-3”; é necessário um atleta com alta repetição de sprints curtos, leitura de gatilhos, capacidade de orientar pressão e comportamento sem bola.
- Se o princípio é **progressão apoiada com terceiro homem**, não basta contratar um volante “de 4-2-3-1”; é necessário um atleta com percepção para jogar sob pressão, timing de passe, recepção orientada e controle do ritmo.
- Se o princípio é **defender com bloco médio e transição vertical**, o perfil muda: aceleração, ataque ao espaço, eficiência em condução e finalização em poucos toques tornam-se mais relevantes.

Portanto, o scouting baseado em princípios reduz erros de contratação, pois evita a ilusão de que “posição” ou “sistema” definem adequação.

4.4 Implicações para scouting adversário: leitura de identidade além do desenho

Para análise do adversário, o mesmo vale: olhar apenas o sistema pode induzir a erro. O foco deve ser:

- quais gatilhos de pressão;
- onde a equipe acelera;
- como reage à perda;
- quais zonas protege;
- como criar superioridade;
- como estrutura o ataque (amplitude, profundidade, entrelinhas);
- como defende cruzamentos e bolas na área.

Essa leitura permite produzir relatórios mais úteis ao treinador, porque aponta padrões funcionais e não apenas “formações”.

5 SISTEMA TÁTICO: A FORMA, O DESENHO, A ORGANIZAÇÃO INICIAL

O **sistema tático** é o “mapa” da equipe: 4-3-3, 4-4-2, 3-5-2, 4-2-3-1 etc.



Ele define a ocupação inicial de espaços, a distribuição de setores, as relações básicas (linha de 4, dupla de volantes, três atacantes etc.) e os pontos de referência para encaixes defensivos

Só que aqui vem o ponto-chave: **O sistema, por si só, não diz como o time joga.**

Dois times podem jogar no 4-3-3 e serem completamente diferentes: Um pode ser ultra reativo, defender baixo e sair em transição, enquanto que o outro pode pressionar alto, ter posse e jogar com amplitude extrema. O “4-3-3” não explica isso.

6 PRINCÍPIOS DO MODELO DE JOGO: A IDENTIDADE REAL

Os **princípios do modelo de jogo** são o “DNA” do time: o conjunto de comportamentos repetidos e treinados que aparecem independentemente do adversário.

Eles definem coisas como o time:

- **progride**
- **pressiona**
- **protege o centro**
- **ataca a área**
- **reage à perda**
- **controla o ritmo**
- **como criar superioridade (numérica, posicional, qualitativa)**

Em outras palavras: **O modelo diz “o que o time quer ser” e o sistema diz “como ele se organiza para isso”.**

6.1 Como o time progride (construção e progressão)

Como faz (comportamento)

- Progride por dentro (apoios curtos) ou por fora (corredores)
- Usa **terceiro homem** para quebrar linha
- Atrai pressão para liberar espaço atrás
- Alterna ritmo: circulação → aceleração

Tarefa no campo

Jogo posicional 6v6 + 2 coringas (campo 40x30)

- Objetivo: progredir passando por 3 zonas (saída → meio → ataque)
- Regra: gol só vale se a equipe conseguir **quebrar uma linha** com passe vertical ou terceiro homem

6.2 Como o time pressiona (organização defensiva alta/média)

Como faz

- Pressão orientada para o lado (forçar corredor lateral)
- Pressão por gatilho (passe para lateral / recuo / domínio ruim)
- Coberturas coordenadas (pressão + sobra + equilíbrio)
- Compactação vertical e horizontal

Tarefa no campo

8v8 em 60x45 com “zona de pressão” marcada

- Se a equipe recuperar a bola no terço alto, ganha **2 pontos**
- Se recuperar no terço médio, ganha **1 ponto**
- Incentiva comportamento: **pressão alta com coordenação**, não só corrida

6.3 Como o time protege o centro (controle do corredor central)

Como faz

- Fecha a linha de passe entrelinhas
- Mantém densidade no corredor central
- Direciona o rival para o lado
- Controla “zona 14” (frente da área)

Tarefa no campo



7v7 + 2 coringas (campo 45x35) com “corredor central proibido”

- A equipe sem bola ganha ponto se impedir a entrada no corredor central por X segundos
- A equipe com bola ganha ponto se conseguir acessar a zona central com passe limpo

6.4 Como o time ataca a área (presença e ocupação do último terço)

Como faz

- Ocupa a área com número (2–3–4 jogadores)
- Ataca 1º poste, 2º poste e rebote
- Cria finalização com cruzamento, infiltração ou passe de ruptura
- Mantém equilíbrio (evitar contra-ataque)

Tarefa no campo

Finalizações 6v5 + GK (campo 50x44)

- Regra: gol só vale se houver **2 jogadores dentro da área** no momento da finalização
- Variante: obrigar “zona de rebote” (meia-lua) ocupada por 1 atleta

6.5 Como o time reage à perda (transição defensiva)

Como faz

- Contra-pressão imediata (3–5 segundos)
- Fechar linha de passe vertical
- Encurrular portador (pressão + coberturas)
- Se não recuperar, reorganiza bloco

Tarefa no campo

Jogo 5v5 + 2 coringas (30x25)

- Regra: ao perder a bola, a equipe tem **5 segundos para recuperar**
- Se recuperar, continua ataque e ganha bônus
- Se não recuperar, deve recuar para uma linha marcada (reorganização)

6.6 Como o time controla o ritmo (gestão do jogo)

Como faz

- Alterna posse segura com ataque rápido
- Usa circulação para “mover” o adversário
- Sabe quando pausar e quando acelerar
- Controla o jogo sem se expor

Tarefa no campo

Jogo 7v7 em 50x40 com “fases obrigatórias”

- A equipe precisa completar **X passes** antes de acelerar para a zona final
- Após entrar na zona final, tem **8 segundos** para finalizar
- Isso treina: “pausa + aceleração”

6.7 Como o time cria superioridade (numérica, posicional e qualitativa)

Como faz

- **Numérica:** criar 2v1 (triângulos, apoio do lateral/volante)
- **Posicional:** ocupar entrelinhas e fixar marcadores
- **Qualitativa:** isolar o melhor driblador em 1v1
- Manipular o adversário para abrir espaço

Tarefa no campo

Jogo posicional 8v8 com “zonas de vantagem” (60x45)

- Em cada corredor, deve haver um objetivo:
 - corredor lateral: gerar 2v1
 - corredor central: achar entrelinhas
 - corredor oposto: troca de corredor rápida
 - Bônus se a equipe criar finalização após:
 - 2v1
-



- passe entrelinhas
- inversão de corredor

6.8 QUADRO ANALÍTICO - PRINCÍPIOS DO MODELO DE JOGO

PRINCÍPIO	SUBPRINCÍPIOS (como faz)	INDICADORES (o que observar)	TAREFA (campo)
Progressão	3º homem; passe vertical; atração + ruptura; alternância de corredor	Entradas no terço final; passes que quebram linha; progressões por corredor	6v6 + 2 coringas (40x30) com 3 zonas
Pressão	Gatilhos (lateral/recuo/domínio ruim); orientar para o lado; coberturas	Recuperações no terço alto; finalizações pós-recuperação; PPDA (se houver)	8v8 (60x45) com pontuação por zona
Proteção do centro	Fechar entrelinhas; densidade central; controlar zona 14; forçar lado	Entradas do rival no corredor central; passes entrelinhas sofridos; finalizações centrais	7v7 + 2 coringas (45x35) com corredor central
Ataque à área	1º poste/2º poste/rebote; ocupação 2-3-4; equilíbrio pós-cruzamento	Presença na área; xG por cruzamento; rebotes vencidos	6v5 + GK (50x44) com regra de ocupação
Reação à perda	Contra-pressão 3-5s; fechar passe vertical; reorganização	Recuperações imediatas; transições sofridas; faltas táticas úteis	5v5 + 2 coringas (30x25) com regra 5s
Controle de ritmo	Pausa + aceleração; circulação para atrair; gestão de risco	Sequências de posse; perdas em zona crítica; tempo no terço final	7v7 (50x40) com fase de passes + tempo
Superioridades	Numérica (2v1); posicional (entrelinhas); qualitativa (1v1); inversões	2v1 gerados; recepções entrelinhas; 1v1 em zona forte	8v8 (60x45) com zonas-objetivo

7 POR QUE PRINCÍPIOS DEFINEM MAIS DO QUE SISTEMA?

Porque o sistema é facilmente “trocável” sem mudar a identidade. Um time pode começar em 4-2-3-1 e atacar em 3-2-5, defender em 4-4-2, pressionar em 4-1-4-1 e continuar sendo o mesmo time, com o mesmo DNA. Hoje, no futebol moderno, **o sistema virou um ponto de partida**, não um ponto final.

7.1 Exemplo bem direto - Pense em duas equipes:

Equipe A (princípios fortes)

- pressiona imediatamente após perder a bola
- quer recuperar no terço final
- usa amplitude com extremos bem abertos
- busca atacar o espaço entre lateral e zagueiro
- marca orientando o rival para o lado
- tem saída curta com apoio do goleiro

Essa equipe pode jogar:

- 4-3-3
- 4-2-3-1
- 3-4-3

E ainda assim você “reconhece” ela.

Equipe B (sistema forte, princípios fracos)

- começa em 4-4-2
- mas não tem padrão claro de pressão



- não tem padrão claro de progressão
- não tem comportamento consistente em transição
- muda a cada jogo dependendo do adversário

Você até sabe “o desenho”, mas não sabe “o time”.

8 O SISTEMA É O “IDIOMA”; OS PRINCÍPIOS SÃO A “MENSAGEM”

Uma analogia simples:

- **Sistema** = gramática e estrutura da frase
- **Princípios** = o conteúdo do que está sendo dito

Você pode falar a mesma coisa com frases diferentes, mas não consegue “ter identidade” se não tiver uma mensagem clara.

8.1 Onde o sistema é decisivo (e não dá pra ignorar)

Agora, é importante ser honesto: o sistema não é irrelevante.

Ele pode ser decisivo quando:

- o elenco tem características muito específicas (ex.: só 1 zagueiro dominante em cobertura)
- o time precisa proteger uma fragilidade estrutural (ex.: laterais fracos defensivamente)
- o adversário força encaixes específicos
- a competição exige pragmatismo (mata-mata, jogos fora, regulamentos)

O sistema pode ser um “mecanismo de sobrevivência” — mas isso não é o mesmo que identidade.

9 A SÍNTESE MAIS CORRETA

Se a pergunta é: **o que define mais uma equipe?**

A resposta mais realista é: **Os princípios do modelo de jogo definem mais. O sistema é o suporte estrutural.**

Um time pode mudar de sistema e continuar sendo o mesmo time, mas ao abdicar dos seus princípios, irá alterar a sua identidade.

Em resumo:

- **Sistema tático** é “como você se organiza no papel”
- **Princípios do modelo** é “como você se comporta no jogo”
- O futebol moderno é cada vez menos “4-3-3 vs 4-4-2”
- E cada vez mais “quais comportamentos se repetem, com consistência e intenção”
- **Sistema é forma. Princípios são identidade.**

9.1 Quadro Comparativo — Sistema Tático x Princípios do Modelo de Jogo

Critério	Sistema Tático	Princípios do Modelo de Jogo
Definição	Estrutura base de organização dos jogadores (4-3-3, 4-4-2, 3-5-2 etc.)	Conjunto de comportamentos e regras operacionais que definem a identidade do time
Função principal	Organizar o time espacialmente (posição, linhas e setores)	Organizar o time funcionalmente (o que fazer e como fazer em cada fase do jogo)
O que ele responde?	“Onde cada um começa?”	“Como a equipe joga?”
Nível de profundidade	Superficial (forma inicial)	Profundo (identidade e padrões repetidos)
Mudança durante o jogo	Pode mudar, mas nem sempre muda	Pode permanecer mesmo com mudança de sistema
Visibilidade	Fácil de ver na TV (desenho das linhas)	Menos óbvio; exige leitura de padrões e intenções



Impacto na identidade	Baixo a médio	Alto
Estabilidade	Menos estável: muda por adversário, elenco, contexto	Mais estável: sustenta a ideia do treinador ao longo do tempo
Dependência do adversário	Maior: ajusta encaixes, linhas e marcações	Menor: tende a impor o próprio jogo (quando bem treinado)
Relação com elenco	Muito dependente do perfil dos atletas	Depende, mas pode ser adaptado sem perder o DNA
Risco de “virar improviso”	Alto (mudar sistema sem treinar princípios vira bagunça)	Menor (princípios organizam o caos do jogo)
Treinabilidade	Treina-se com posicionamento, encaixes e funções	Treina-se com jogos condicionados, padrões, gatilhos e repetição contextual
Como se ensina	“Você é lateral, você é ponta, você é volante”	“Quando a bola está aqui, fazemos isso; se perder, reagimos assim”
Erro comum	Achar que o sistema explica o estilo	Achar que princípios anulam a necessidade de estrutura
Exemplo simples	4-2-3-1	Pressionar alto + recuperar rápido + atacar espaço entre lateral e zagueiro
Diagnóstico rápido	“O time está em 4-4-2”	“O time protege o centro e força o rival para o lado”
Quando decide mais	Em encaixes específicos e correções estruturais pontuais	Na consistência do desempenho e na identidade competitiva
Pergunta-chave	“Qual desenho?”	“Qual comportamento?”

10 CONCLUSÃO

A análise teórica e prática permite afirmar que, no futebol contemporâneo, os princípios do modelo de jogo definem mais profundamente uma equipe do que o sistema tático. O sistema organiza a equipe em termos estruturais e espaciais, servindo como referência inicial de ocupação do campo. Entretanto, a identidade competitiva — entendida como padrão de comportamento recorrente nas fases do jogo — emerge do conjunto de princípios treinados e incorporados coletivamente.

A contribuição de autores como Garganta e Frade sustenta a compreensão do futebol como sistema complexo, no qual a organização é dinâmica e depende das interações. Tamarit, ao sistematizar a Periodização Tática, reforça que o modelo de jogo é o núcleo do processo de treino e da identidade. Na prática, treinadores como José Mourinho exemplificam a centralidade do modelo, utilizando sistemas como ferramentas adaptativas e não como definidores absolutos. Seirul-lo contribui ao evidenciar o caráter sistêmico do desempenho, e Greco reforça a centralidade da tomada de decisão e da inteligência tática. Teoldo, por sua vez, fortalece a mensuração e avaliação tática por princípios. Já Castelo, Carvalhal e Lobo ampliam a discussão sobre organização, metodologia e análise aplicada.

Assim, o sistema tático deve ser entendido como ferramenta estrutural, e os princípios como essência funcional. O que define uma equipe é a consistência e a coerência de seus princípios de jogo, capazes de se manifestar mesmo diante de mudanças estruturais e contextuais. No futebol moderno, é o modelo — e não o desenho — que define verdadeiramente uma equipe.



11 REFERÊNCIAS

- GARGANTA, Júlio.** Modelação táctica do jogo de futebol: estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. 1997. Tese (Doutorado) – Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 1997.
- FRADE, Vítor.** A Periodização Tática e a dimensão tática do treino no futebol. Porto: Universidade do Porto, 2002.
- TAMARIT, Xavier.** Periodización táctica: fútbol. Valencia: MCSports, 2013.
- MOURINHO, José.** Entrevistas e conferências sobre metodologia de treino e modelo de jogo.
- CASTELO, Jorge.** Futebol: a organização do jogo. Lisboa: Edições FMH, 1996.
- GRECO, Pablo Juan.** Conhecimento tático e tomada de decisão nos jogos esportivos coletivos. Belo Horizonte, 2006.
- PONCE-BORDÓN, J. C.; NOBARI, H.; LOBO-TRIVIÑO, D.; GARCÍA-CALVO, T.; VICENTE-GIMÉNEZ, J.; LÓPEZ DEL CAMPO, R.; RESTA, R.; FERNÁNDEZ-NAVARRO, J.** Match movement profiles differences in Spanish soccer competitive leagues according to opposition's team ranking: A comparison study. *Applied Sciences*, v. 12, n. 24, 2022.
- SEIRUL-LO, Francisco.** Planificación y entrenamiento en deportes de equipo. Barcelona, 2005.
- TEOLDO, Israel.** Avaliação e ensino dos princípios táticos no futebol.
- CARVALHAL, Carlos.** A organização do jogo e metodologia de treino no futebol.
- Pesquisa na internet: imagens das referências
-



Rabiscos em Vermelho e Preto:

SISTEMA TÁTICO E PRINCÍPIOS DO MODELO DE JOGO: O QUE DEFINE MAIS UMA EQUIPE DE FUTEBOL?

Bernardo Borges Marques

RABISCOS EM VERMELHO E PRETO